

# MURMURIOS DO SADO

POB

D. MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE,

COM UM PROEMIO

DE

CANDIDO DE FIGUEIREDO

---

1870



MURMURIOS DO SADO







M. A. de Andrade.



# MURMURIOS DO SADO

POESIAS

POR

D. MARIANNA ANGELICA D'ANDRADE



**SETUBAL**

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ AUGUSTO ROCHA

6 — Rua da Misericordia — 6

1870

INSTITUTO DE ZOOLOGIA

1955

INSTITUTO DE ZOOLOGIA

INSTITUTO

INSTITUTO DE ZOOLOGIA

1955

R.1055

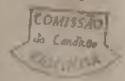


FIG SAD RE



A SUA MADRINHA

A EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup>

D. GERTRUDES ANGELICA D'ANDRADE LIGEIRO

EM PENHOR DE MUITA ESTIMA E GRATIDÃO

**Dedica**

*A autora.*

A SUA MADRINHA

Amoroso

D. ANTONIO ALBERTO DE ALBUQUERQUE

DE FREGUESIA DE SANTO ESTEVO E SANTO

Paulista

De 1842

## PROEMIO

Discreteiam por ali á porfia sobre a missão e o destino da mulher. Filósofos humanitarios, de vistas largas e imaginação ardente, cruzam razões, e palavras sem razão, com os mantenedores sistematicos dos rançosos preconceitos e da santa ignorancia de nossos avós.

Para uns, a mulher-typo é mais que Aspasia e Hypathia, é a mulher plenamente emancipada da superioridade varonil, é a mulher inscrevendo o seu nome na lista dos cidadãos livres, e entrando com o homem na partilha dos cargos da republica e nas funções e direitos do cidadão.

Para outros, a mulher nunca devia erguer os olhos da costura e dos labores domesticos, senão para ornamentar os salões, ou para dar ao confessor exacta conta duns peccadilhos que ella confessa á falta de culpas sérias. Os que assim pensam abandeiam-se uma vez com Rousseau para invectivar contra a sciencia, e reduzem a sciencia da mulher a pespontar ciloiras, e levantar as malhas das piugas.

E' para mim de fé, que nem uns nem outros andam bem avisados no que pensam e dizem.

A sociedade é um organismo, e a familia uma pequena sociedade. Na organização da familia há distribuição

de misteres consoante a indole e a capacidade de cada membro. Confiar indifferentemente ao homem e á mulher as funcções internas e externas da sociedade familiar, seria um erro de economia domestica; levar a mulher aos altos cargos do estado, fazel-a *deputada, desembargadora*, importaria a alteração profunda do organismo da familia, e consequentemente o desequilibrio do corpo social.

Por outro lado, a mulher ignorante, a mulher em quem se não reflectem os clarões da civilisação, a mulher a quem o preconceito atrela ao egoismo e ao despotismo do homem, é uma calamidade na familia. O sentimento, que é o distinctivo mais nobre da mulher, mal se apercebe nas trevas da ignorancia: aqui o espirito cede o lugar á materia, e o berço, em que se formam as almas generosas e sans, é então a primeira fonte da superstição, e da rudeza de sentimentos.

A mulher eleva-se pelo sentimento, e educa pelo sentimento. Enquanto o homem pensa, planeia e duvida, a mulher ama, sente e crê. Nella, os prodigios de sentimento escurecem muitas vezes as maravilhas da razão do homem. As Saphos e as corinas, involtas na clâmide branca da poesia, são sempre mais bem-vindas, trazem mais consolação e mais bençãos, ao ermiterio do monge, á morada do descrente, ao leito do infirmo, ao tugurio da indigencia, do que os vultos magestosos e graves dos Aristoteles e dos Newtons.

Espelho cristalino da alma da mulher, a poesia edifica, alenta, converte, consola e dá; e, quando a alma da mulher se vasa nas paginas dum livro, podemos invadir impunemente os penetraes dum santuario de affectos; podemos ver, face a face, a grandeza daquelle sentimento que faz martyres e heroes; podemos identificar-nos com a candidez duma alma virgem, e sentirmo-nos melhores, mais felizes e mais crentes.

Os *Murmurios do Sudo* são um livro de poesias, escritas por mão feminina. Li-o, e venho fazer um convite em vez duma apresentação. Não apresento a autora

do livro, porque é possível que me perguntem pelo meu nome; convido o leitor a espalhar a vista por essas formosas paginas, paisagens suaves e duma tristeza encantadora, chaquetadas de arbusculos e flores como as paisagens do Perugino.

Em face da expontaneidade do sentimento, diante dum livro intimo, defronte de poesia tão serena, e tão desatavida de mentirosas louçainhas de arte, sinto-me de tal maneira embellecado naquella graciosa simplicidade, e peiado na razão pela varinha misteriosa/que segredou aquellas harmonias, que me falece o animo para afinar esses cantos pelo austero diapasão da esthetica.

Não se diga contudo que os preccitos da arte cederam á naturalidade do canto. Se, numa obra poetica, os homens da philosophia da arte exigirem imaginação rica, sensibilidade viva, juizo seguro, expressão forte, sentimento musical, de tudo isto acharão alguma coisa n'este formoso livro. Quando a revezes afroixa a razão — o juizo seguro, surge a sensibilidade empanando-nos de lagrimas os olhos, e abalando o que há de mais fundo no coração humano; e resplandece o anjo da harmonia apartando-nos com seu canto, da aridez da analyse, como o canto das sereias apartava dos escolhos os companheiros de Ulisses.

Os *Murmúrios do Sado* são a historia da poetisa, são a traducção completa dos sentimentos mais intimos da autora, das suas aspirações, das suas crenças, das suas tristezas, das suas alegrias, dos seus desalentos: são as capellas de flores, que as virgens varsovianas arremessam á corrente por se libertarem de ruins cuidados.

Numa pagina, entrevêm-se os ultimos clarões do sol poente illuminando uma fronte inspirada e triste; e dos labios da poetisa ergue-se para o sol que se despede um hinno de suavissima tristeza:

«Froixo e tibio, declina esmorece,  
Nestas horas de paz infinita,

Nestas horas de creença bemdita,  
Que tão gratas doçuras contém!  
Qual a sua, e a minha existencia:  
Já sentiu alegria um instante;  
Mas agora, sem luz, vacillante,  
Desfallece . . . declina também! . . .»

Noutra pagina, há uns assomos de alegria passageira; o amor patrio desata-se em flores aromaticas, e a poetisa, nascida em terras de Portugal, diz a uma americana:

«Não temos virgens florestas,  
Mas não nos faltam collinas,  
E mais formosas são estas,  
Esmaltadas de boninas!  
Em horas de calma ardente,  
Vai recostar-te indolente  
À sombra dos laranjais,  
E nas horas encantadas  
Em que as auras perfumadas  
Vão gemer entre os rosais.»

Aqui, é a desesperança de achar ventura no proprio asilo santo da poesia, onde se acolhe e livra das tempestades da vida positiva; e diz da poesia:

«Não quero ver-to já! seduz teu brilho,  
Mas torna-me infeliz!  
O teu sorriso encanta, mas eu chora  
Enquanto me sorris!»

Alem, é a mulher que hoje sonha, crê e espera, e que ámanhan joelha resignada sobre o tumulo das illuções perdidas:

«Sonhas um ser, perfeito sem segundo;  
Da-lhe formas e vida a phantasia,  
E o teu idolo adoras!  
Não julgas que elle vem do lodo immundo:  
Cáí a mascara, . . . ri a hipocrisia,  
E tu que fazes? choras!»



Eu não posso deixar de votar a este livro a minha simpatia porque me parece que intendo um pouco do muito que o coração deixou espalhado por essas paginas. Mas a leitora ha de por certo apreciar melhor, e entender mais do que eu, os longos e suavissimos misterios que a alma da mulher segreda á solidão em horas de poesia.

É invejavel o destino d'um livro assim. Achar agasalho em todos os seios em que o cinisino e a indifferença do seculo não lançaram ainda uma gota do seu fel; ecoar em todos os corações em que floreja uma esperança ou se crava o espinho duma dor; velar, como anjo custodio, á cabeceira dos infelizes; dar balsamos e receber carinhos; diffundir benções e ser abençoado — parece-me ser esta a merecida sorte que no futuro aguarda o livro que hoje se estampa.

Eu, por mim, sinto um legitimo orgulho, por ser o primeiro em saudar este livro, que não póde passar desaperecebido nos fastos da nossa litteratura. Violante do Céu, e a marquesa de Alorna, e a viscondessa de Balsemão, e toda a pleiade dos nossos talentos femininos, hade receber, como no seio d'uma constellação luminosa, a estrella que se levanta das margens do Sado.

1870, 2 de setembro.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, oh leitores:  
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,  
Que ellas buscam piedade, e não louvores.

Bocage.

## DEUS

Abri, Senhor, meus labios! Santos hymnos  
Meus labios cantarão em honra vossa!

C. CASTELLO BRANCO.

As cordas mais sonoras do alaúde  
Só as consagro a Deus!  
E a primeira canção que n'elle vibro  
É de crença nos ceus!

Inspiras-me, Senhor! Sinto na mente  
Os estos da poesia!  
Prostrada aos pés da cruz, dedilho as notas  
Da mais santa harmonia!

Bemdito sejas tu, porque me has dado  
A par de negras dores,  
Ventura sem igual! D'entre os espinhos  
Brotaram muitas flores!

Digam os homens, quando imperam trevas,  
—«Estrellas, reluzi!»—

Ao mar, quando se agita no seu leito,  
—«Não passarás d'ahi!»—

Ao sol, quando attingiu o seu zenith,  
—«Suspende o giro teu!»—  
Ao cadaver, que dorme no sepulchro,  
—«Acorda, mando eu!»—

Digam á flor já murcha e desfolhada,  
—«Torna a reverdecer!»—  
Mas não digam a quem sobraça a lyra,  
—«Tu hasde emnudecer!»—

No meu escuro céu, inda uma estrella  
Formosa brilhará!  
Este mar em que os olhos se me afogam,  
Um dia seccará!

O sol da minha vida, que vae alto,  
Seu giro hade suster!...  
Eu, que morta estou já para a ventura,  
Heide inda reviver!

Condemnem-me ao trabalho, a sacrificios,  
Que tudo cumprirei!  
Mas não amar a lyra!... Hymnos e crenças  
São-me a suprema lei!

Como ao teu nuto vem curvar-se humildes  
Os póvos e as nações,  
Assim eu a teus pés, deponho em carmes  
Singelas orações!

Estende sobre mim a tua dextra,  
Protege-me Senhor!  
N'estes brejos da terra onde presinto  
Que morrerei de dor!

## CREPUSCULOS

### I

Desponta a aurora! as nuvens purpurinas  
Tingindo vão o ceu! assoma o dia;  
E astro-rei, o astro da alegria,  
Já vae doirando o cimo das collinas.

Cruzam os ares aves palpitantes,  
Buscando alegres, vida, espaço, amor!  
Ergue a corolla a delicada flor,  
Voejam borboletas doidejantes.

Desperta a natureza, e, buliçosa,  
Toda fôlga e sorri á nova luz!  
Hora suave, que a nossa alma induz  
A erguer-se a Deus em prece fervorosa!

Quem nunca viu raiar a madrugada,  
 Nem repontar o radioso sol,  
 Quem nunca viu as côres do arrebol,  
 Ainda nada viu nem gozou nada!

## II

São horas de saudades! O astro dos amores  
 Seus ultimos fulgores expede e vae fugir!  
 Aves, e borboletas, e . . . tudo quanto existe  
 Parece ficar triste, por vê-lo assim partir!

Crepusculo da tarde! Não sei que mago incanto;  
 Não sei que tens de santo, que nos convida a orar!  
 Vão repetindo os éccos o som de *Avé-Marias*;  
 Vêm doces harmonias nossa alma despertar!

A lua beija os montes! miriades de estrellas  
 Scintillantes e bellas, bordam o ethereo véu!  
 E a mente do poeta revoa nos espaços  
 Da inspiração nos braços, por terra, mar e ceu!

As auras perfumadas ao longe vão levando  
 Esse queixume brando que a lyra então soltou.  
 O triste que se curva ao pêso da desdita  
 N'esta hora bemdita sempre um remanso achou!

## EVORA

Tu és, ó terra formosa,  
A pérola do Alemtejo!  
A ti me trouxe o desejo  
De te ver, de te saudar!  
De teus filhos e teus bravos  
Eu sei ler em nossa historia  
Feitos taes, que da memoria  
Nunca se deve riscar!

Eu amei sempre saudosa  
Essa tua magestade,  
Porque foi em ti, cidade,  
Que os primeiros passos dei;  
Que doces reminiscencias,  
E que suave consolo,  
Pisando de novo o solo  
Que pequenina pisei!



Tu és bella — da belleza  
Que não tem sombras nem trevas!  
Vaidosa porque te elevas  
Nos raios do teu *Pharol!*  
Segue-lhe attenta os exemplos  
De progresso e liberdade,  
E verás então, cidade,  
Que te doira um novo sol!

Junho de 1861.

## LAGRIMAS

Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas  
Precisava de vós; tardaveis tanto!

CASILHO.

Fatal destino á mulher,  
Logo que no mundo entrou,  
Um estigma atroz, maldito,  
Na sua fronte marcou!

Se a tenra infante no berço  
Começa meiga a sorrir,  
Á sua sina, mais tarde  
Não póde a triste fugir!

As vezes chóra sorrindo,  
Pois sorri por não chorar!  
As angustias, os pezares  
Ella procura occultar!

Lgrimas, aos infelizes,  
São supremo, unico bem;  
E só os maus desconhecem  
O valor que o pranto tem.

Bem vindas sejam! nas faces  
Sinto-as correr docemente!  
Dôr que em pranto se dissolve  
É menos viva e pungente!...

Até a virgem mais pura,  
A Mãe de Christo, chorou;  
E a triste herança do pranto  
As suas filhas deixou!...

Eu quizera dar-lhe um beijo,  
Mas eu vejo  
Que podia despertar-a. . . .  
Pois cuidado. . . não irei!  
E ficarei  
Em extasi a contemplal-a!

Que te fada boa fada  
Na alvorada  
Doa teus dias infantis;  
Que ella sempre por ti veje,  
Te revele  
O condão de ser feliz.

Mas se acaso, anjo divino,  
Teu destino  
Se parece com o meu. . . .  
Se te reserva este mundo  
O profundo  
Martyrio que a mim me deu,

Então dorme socegada,  
Reclinada,  
E sorrindo sempre assim;  
Innocente sobe aos ceus,  
E ao bom Deus. . . .  
Pede, bom anjo, por mim!

## A CRIANÇA ADORMECIDA

Brisas do ermo, suspirae-lhe endeixas,  
Astros da noite, seu dormir velae! . . .  
SOARES DE PASSOS.

Como dorme socegada!  
Reclinada  
Tem a fronte de marfim,  
Suas faces tão mimosas  
Como rosas  
Têm um brilho de setim!

Seus cabellos annelados  
São doirados;  
Sua boca é breve e linda;  
E nos seus labios diviso  
Um sorriso  
Que mais bella a torna ainda.

## PRIMAVERA

Vem ó dona das graças e flores.  
Volve á terra teu mago calor;  
Aos que fogem de amor gera amores.  
Nos que a amores se dão cria amor.

A. F. DE CASTILHO.

Eis que chega gentil e formosa,  
Dando vida, prazer e calor!  
Eis que chega c'roadada de flores,  
Inspirando sorrisos e amor!

Primavera! dos campos rainha  
Volta enfim novamente a reinar!  
Teu bafejo que as auras perfuma  
Vem tristezas da mente riscar.

Tua viuda, o poeta a saúda  
Com transportes de immensa alegria;  
Porque em ti, primavera, descobre  
Mil thesoiros de intinda poesia!

.....  
.....  
Os teus dias formosos, ridentes,  
De anno em anno sem falta virão,  
E meus dias doirados de esp'ranças  
Para sempre fugindo me vão!...

A minha alma, de ha muito abatida,  
Já não sabe nem pôde gosar;  
Porem quando outra vez nos deixares  
Hade um triste suspiro soltar!

Primavera! bem vinda tu sejas,  
Que dás vida, prazer e calor!  
Vem! derrama na terra thesoiros  
De poesia, de paz e de amor!



## SOLIDÃO

Solidão! não foi debaldo  
Que te vim pedir afagos;  
Dás-me crenças, sonhos vagos  
Em que a alma folga e espera.

C. CASTELO BRANCO.

Eis de um lado a sociedade,  
Mentira, lodo, vaidade,  
E do outro a magestade  
Que apresenta a solidão;  
Alem obras grandiosas,  
Soberbas, talvez formosas,  
Maravilhas assombrosas  
Da mais feliz invenção;

Mas aqui a natureza  
Revestida de belleza,  
Com tamanha singeleza  
Que lho realça o valor!  
O verdejar d'este monte,  
O murmurio d'esta fonte,  
Encantam-me, e curvo a fronte  
Ao poder do Criador!

Lá, descrente, corrompido,  
Por baixo preço vendido,  
E da ambição possuido  
Se humilha o homem venal!...  
Vende a candida innocencia,  
Vende a fê, vende a clemencia,  
Vende a propria consciencia  
A trôco de vil metal!!!

Nos tremedaes arrastada  
É a virtude! pisada  
Pelos máus, e despresada  
Se no abysmo resvalou!  
O Judas que a afaga e beija,  
Mas que perdel-a deseja,  
Esconda-se, e não esteja  
A rir do mal que causou!...

Venho do mundo fugida  
Para ti, soidão querida,  
Que me dás vigor á vida  
E socego ao coração!  
Longe de ti eu sentia  
Em dolorosa agonia,  
Morrer-me de dia em dia  
Mais uma cara illusão!

## O QUE EU AMO

Amo-te, ó lua,  
Se a face tua  
Alem fluctua  
Sempre formosa!  
Oh! muito te amo!  
Pois se te chamo,  
Ao meu reclamo  
Sorris bondosa!

Amo as estrellas,  
Luzentes, bellas,  
'Têm todas ellas  
Argentea cõr!  
Uma áve linda  
Seduz-me ainda  
Na sua infinda  
'Trova de amor!

São meus amores  
As lindas flores  
De varias cores,  
Que abril nos deu!  
Eu amo a fonte,  
E o valle, e o monte,  
Este horisonte  
Que o sol rompeu!

## ESTAÇÕES DA VIDA

Da vida a primavera é tão formosa,  
É tão cheia de flores!...  
O nome deve ter de esperançosa  
Estação dos amores!

O estio é sempre intenso, sempre ardente;  
Accendem-se as paixões,  
Férvida irrompe a lava escandecente  
Dos intimos vulcões....

O outono quasi sempre vem roubar-nos  
As illusões faguciras;  
E sem dó, sem piedade, desfolhar-nos  
Esp'ranças lisongeiras!...

Aponta-nos a campa a eternidade,  
A ultima estação!  
Desenganos nos traz, e a realidade  
Nos gela o coração!

## AMOR

Recuerdos de puro amor  
Porque perturbais mi calma?  
J. W. MUSE.

*Amor!* palavra enganosa!  
Linda visão que na vida  
Nos apparece, cingida  
De flores, de esp'rança e luz!  
Tenho a descrença no peito,  
Que o teu prestigio ha passado;  
O teu sorriso encantado  
Agora não me seduz!...

Aos que crêm nos teus incantos  
Dás um padecer eterno!  
Tu não és ceu, és inferno  
Abrazando o coração!  
Ail em ti não ha delicias  
Que não tenham seus martyrios.....  
Muita dor, muitos delirios,  
Muita loucura e paixão!



Nem sei porquê, levo horas  
Às vezes, em ti pensando....  
Tuas dores recordando,  
E de ventura os teus dias!  
Falsas promessas as tuas....  
Pois em tudo me enganaste....  
Em vez de glórias deixaste,  
Estas longas agonias!...

Olvidar-te bem quizerá,  
Mas não posso! Quem conhece  
Teu poder, jamais te esquece  
Que a saudade o vem lembrar!  
Oh, não mais, não mais me voltes  
Meu pungente pensamento!  
A luz de um tal sofrimento  
Nunca eu mais veja brilhar!

## O DESTERRADO

Desterrado da patria! sósinho!  
Sem amigos, sem honra, sem pão!  
Sem carinhos de esposa e de filhos,  
Sem affectos de pae e de irmão!

Trabalhar! isso fiz, mas enfermo  
Sem alento, sem forças, parci;  
«Tenho fome!» disseram meus filhos,  
E a miseria rendeu-me. . . . roubei! . . .

Para o pobre que rouba o opulento  
Marca a lei o desterro, o degredo;  
Mas se o rico roubou a indigencia  
Diz ainda: «Silencio! Segredo!»

Porem antes ao réu perdoar,  
Do que ao triste innocente perder;  
Se o Juiz dos juizes perdoa,  
O que devem os homens fazer?

Eu não sou innocente, confesso-o,  
Mas a fome.... que horrenda não é!...  
Se ella chega a razão esmorece,  
Não ha crenças, virtude, nem fé.

Não bastava este pranto vertido  
Entre os ferros de horrivel prisão!  
O desterro... a saudade... a vergonha....  
E meus filhos sem pae e sem pão!...

## GÓSA!

(A UMA AMIGA)

..... Ai de mim! um longo sonho  
Minha existencia ha sido! . . .

GARRETT.

Não percas instantes  
De ternas caricias!  
Ai, gósa as delicias  
Que a sorte te der!  
Na idade ditosa  
Que risos nos pede,  
Nossa alma tem sêde  
De goso e prazer!

Tambem eu,—que hei sido  
Votada ao martyrio—  
Sonhava em delirio  
Venturas sem fim!

Depois uma nuvem  
Surgia e toldava  
A luz que eu mirava  
Nos sonhos assim!

Agora aos prazeres  
Já indiferente,  
À quadra florente  
Não posso voltar!...  
Descreio de tudo  
Que vejo sorrindo...  
Meu pranto esparzindo,  
Só sei lamentar!

Feliz tu mil vezes!  
Mas tu, que assim vives,  
Vê bem não captives  
Tua alma!... Isso não!  
Quem ha que no mundo  
Mereça os anhelos  
E os sonhos mais bellos  
De um bom coração!

.....  
.....

Tambem o meu peito  
Votado ao martyrio,  
Sonhára em delirio  
Venturas assim!

Se hoje descuidada  
Sorris aos encantos,  
Não busques os prantos  
Que eu tive por fim!

1860.

## MANUELA REY

Voaste, alma innocente, alma querida,  
Feste ver outro sol de luz mais pura,  
Falsos bens d'esta vida que não dura  
Trocaste pelos bens da eterna vida.

BOCAZE.

Ai como os annos fogem! como levam  
Os dias de esperança e de ventura!  
A artista sublinada, a actriz ardente  
Eil-a agora na fria sepultura!...

Como é triste morrer na juventude,  
Na florida estação das illusões,  
Quem levava um caminho todo rosas,  
Quem tinha, como tu, taes ovações!

Alma pura e tão bella, alma querida  
Banhada já na luz da eternidade!  
Escuta os tristes sons da minha lyra,  
Vem ouvir o meu hymno de saudade.

Loira criança que presei devéras  
Ergue-te um pouco ahi no teu jazigo;  
Os mortos não me aterram, não me assustam  
Eu quero ver-te, e conversar contigo.

Ver-te como nos teus primeiros annos  
Errante, sem familia, e sem paiz;  
Ver-te como te vi depois mais longe  
Contente, victoriada, e já feliz!

Recordas como foi o nosso encontro?  
Eu era, como tu, criança ainda  
Quando ao scio me uniste, e quando os labios  
Pousei alegre em tua fronte linda.

E unidas nossas almas infantis  
Nos ficaram n'aquelle estreito amplexo.  
Eu já tinha o signal da desventura,  
Tu de gloria já tinhas o reflexo.

Depois tornei a ver-te, altiva e bella,  
Toda viço, talento, e seducções!



Com a tua voz suave e maviosa  
Prendendo, captivando os corações!

Seguias triumphante sobre as c'rôas  
Que a multidão ás plantas te arrojava;  
Quem te visse tão leda e descuidosa  
Não diria que o abysmo perto estava!

Feriu-nos a desdita nos oppostos  
Caminhos, onde a gloria nos sorria:  
Tu seguindo de Thalia a florea estrada,  
Eu a senda espinhosa da poesia!...

Andorinha innocente que partiste  
Em busca de uma cterna primavera!  
Ai se eu fosse andorinha! se pudesse  
Voar como voaste... oh quem me dera!

Descança pois no teu escuro leito!  
Anjo que estás no ceu, pede a Jesus  
Que me encurte esta via-dolorosa...  
Que eu possa, enfim, depôr a minha cruz!

Fevereiro de 1866.

## SAUDADES DA INFANCIA

Eu perdi-te de todo,  
Ó minha mocidade!  
Apenas a saudade  
Para sempre me ficou!  
Da juventude o louco  
Vivaz contentamento,  
Por este meu tormento  
Bem cedo se trocou!...

As angustias que fazem  
Verter amargo pranto;  
As mil dores que tanto  
Nos enchem de agonia;  
Achamol-as immensas  
Sendo ellas tão pequenas!  
Que a vida tem apenas  
A duração de um dia!

A madrugada é bella,  
Nem ha coisa mais linda!  
Mas põe-se o sol, e finda  
Com elle esse prazer!...  
Infancia! estrella d'alva!  
O pura e meiga aurora,  
Por ti suspiro agora  
Sem que te possa ver!...

Depois quantas esp'ranças  
Nos cercam de venturas!  
Mas, ai quão pouco duras  
Tempo das illusões!...  
Desfazem-se as imagens  
Risonhas, fugitivas,  
E só nos ficam vivas  
— Saudades e afflicções!...

Mais tarde a luz nos foge,  
As trevas vêm chegando;  
O dia vai findando,  
Começa a anoitecer!...  
Até que se aproxima  
A hora suspirada,  
Bem dita!... abençoada!...  
Que é a hora de morrer!...

Estrella scintillante  
De luz, amor e vida!

Assim te vi perdida  
Nas trevas do porvir!  
N'esta soidão escura  
De ti me lembro agora!  
Mas luz de tal aurora  
Não torna a relusir!...

Maio de 1869.

## VIRTUDE

(A UMA AMIGA)

Donzella,\* tudo na vida  
Vôa como o pensamento;  
Depois do pranto vem risos,  
Após do goso o tormento;

Só uma coisa no mundo  
Não póde o tempo roubar:  
É a —virtude—, donzella,  
Essa riqueza sem par!

Desapparecem thesoiros  
Ao sôpro da desventura,  
Mas existe sempre a alma  
Que for virtuosa e pura.

Toma pois este conselho  
Da tua amiga querida:  
Procura sempre ser boa,  
E terás ditosa vida.

E por fim, se o triste mundo  
Algun martyrio te deu,  
A palma d'esse martyrio  
Irás colhel-a no ceu !

## A MULHER

No triste agonisar que chamam vida,  
Teu destino, mulher, é curtir dores  
Qual d'ellas mais cruel;  
Tão cedo a mocidade vês perdida!  
Dissipam-te illusões, murcham-te flores  
E dão-te amargo fel!

Sonhas um ser perfeito sem segundo,  
Dá-lhe fôrmas e vida a phantasia,  
E o teu idolo adoras!  
Não julgas que elle vem do lodo immundo,  
Cáe a mascara... ri a hypocrisia,  
E tu que fazes?... Choras!

Não te humilhes, mulher, que tu és forte;  
As virtudes e crenças da tua alma  
Grandes, sublimes são!  
Não adores a quem te offerta a morte,  
Nem queira do martyrio a triste palma  
Teu nobre coração!

1860.



JÁ NÃO!...

D'esse amor por ti quebrado,  
D'esse amor nem eu já sei!  
L. A. PALMEIRIM.

Amei-te muito! Que importa  
Dizel-o agora, se morta  
É a chamma que senti?...  
Sendo tu que a inspiraste,  
Foste tu que a apagaste...  
Podes ver quanto eu soffri!...

Mas já não soffro; se ainda  
A essa loucura finda  
Alguma lembrança dou,  
É bendizendo o destino  
Que ao errante peregrino  
Melhor caminho apontou!...

Saudades, que tive outr'ora,  
Murcharam todas; agora  
Jazem desfeitas em pó!...  
Bem sabes que nunca minto;  
Pois olha que por ti sinto....  
Odio não! desprezo só!...

Sentir odio era mesquinho!  
Segue pois o teu caminho,  
Segue-o, triste, até ao fim;  
Tel-o-has amargurado...  
Mas, feliz, ou desgraçado,  
Não te recordes de mim!

## O NAUFRAGIO

Torvo o oceano vae! Qual dobre sôa  
Fragor da tempestade;  
Psalmo de mortos, que retumba ao longe  
Grito da eternidade!  
A. HERCULANO.

### I

Vae alta a noite; lá dos horisontes  
A tempestade para nós desceu;  
De negras sombras se reveste a terra,  
De negras nuvens se reveste o ceu.

Ruge a procella com furor enorme;  
A chuva inunda de frieza o solo;  
O vento quebra os pinheiracs da serra,  
Cruzam-se os raios d'um e d'outro polo.

Nos altos mares um baixel se agita,  
E ás ondas serve de juguete agora!  
Quem vae abordo de terror se inclina,  
De Deus bondoso a protecção implora.

## II

O trovão medonho e rouco,  
Já perto, bem perto sôa!  
Vão as ondas alterosas  
Invadindo-o pela prôa!

Com o leme já quebrado,  
Sem rumo, sem guia e norte,  
Vacilla o pobre navio  
Apressado pela morte!

N'aquella scena de angustias  
Reinou silencio profundo;  
Faltava a todos coragem  
De dizer adeus ao mundo!

O formoso baixel, ha pouco altivo,  
Nas aguas se escondeu!  
Do ultimo naufragado o extremo esforço:  
Depois... só mar e ceu!...

.....

## III

N'aquelle mesmo instante uma outra scena  
Tocante, se passava;  
Uma joven mulher em pobre casa  
Devotamente orava.

Tres filhinhos a cercam; que innocentes,  
Que lindos elles são!  
Com que graça infantil elles repetem  
A materna oração!

A prece da innocencia é prece santa  
Que Deus devia ouvir;  
E os rogos d'uma mãe attribulada  
Ao ceu deviam ir.

Mas ah, não foram! orações e supplicas  
O Eterno não ouviu!  
Aquelle por quem tanto lhe pediam  
Ao longe succumbiu...

Deitemo-nos, meus filhos—diz a triste—  
Bem alta a noite vai!  
Veio a manhã! nem ella tinha esposo,  
Nem elles tinham pae!...

## DIAS SEM SOL

Um dia outra quadra mais bella e mais pura  
Vira de boninas ornar os vergeis;  
Mas vós, o meus tempos d'amor e ventura,  
Sois findos p'ra sempre, jamais voltareis.

SOARES DE PASSOS.

É chegado emfim o inverno !  
Murcham as flores nos prados,  
As aves doces trinados  
Não se atrevem a soltar;  
Não se divisa uma estrella  
À noite no firmamento !  
Nem de dia um só momento  
O sol nos vem visitar !

O arvoredo sem folhagem  
Infunde n'alma a tristeza...  
Como é feia a natureza  
Que tão bella nos sorria !

Eil-o comnosco !... Um inverno  
Frio, triste e solitario !  
Involto no seu sudario  
De tôrva melancolia !

Porem a terra bem cedo  
Revestirá seus verdores,  
Ha de ter vida e amores  
Lá quando o inverno a deixar;  
Mas o frio permanente  
Que me regéla este peito...  
Não será nunca desfeito  
Ha de eterno aqui ficar !....

## SONHO OU VERDADE?...

Morre um affecto, outro nasce,  
Passa um desejo, outro vem;  
Depois de um sonho outro sonho,  
De tantos que a vida tem.  
J. de Lemos.

Julgava, coração, que se morrias  
Pouco a pouco na dor, no desalento,  
Nunca mais palpitavas, nem podias  
De novo reviver!  
Enganei-me! durante a mocidade,  
Do proprio amor que mata a fogo lento  
Deve um outro surgir, pois de saudade  
Não se póde morrer!

Não mata a saudade!... Eu hei soffrido  
Como jamais ninguem soffreu em vida!  
Que magoas e desgostos hei curtido  
Em triste solidão!...



Nem sei como no fim de tantas dores  
Posso o mundo achar bom, ser-me querida  
A pesada existencia, e outros amores  
Sentir no coração !

E sinto ! e amo ! e creio ! Alegre aurora  
Desfaz a negra nuvem que a existencia  
Tão triste me tornou !... e penso agora  
Que não hade volver.  
Acaso será sonho esta ventura?...  
Não importa ! bemdigo a Providencia  
Que após escuros dias de amargura  
Me fez amar e crer !

Junho de 1861.

## O ENGEITADO

Engeitado! Na fronte esculpida  
Esta horrivel palavra ficou!  
Oh! mal haja a mulher criminosa  
Que seu filho innocente engeitou!

Quando as áves protegem a prole,  
Quando as feras aos seus têm amor,  
Ha mulheres, ha mães deshumanas  
Que os apartam de si, sem horror!

Engeitado!... Se ha nada mais triste!...  
Não ter patria; familia não ter!  
Desde o berço á jazida funérea  
Andar só! viver só!... só, morrer!

Quem lhe importa que o pobre engeitado  
Solte em queixas a tremula voz?  
Vegetar da opulencia entre as flores  
Como planta maldita!.... É atroz!...

Quem é elle? Seus pacs? o seu berço?  
«É um fructo do crime, talvez!...»  
São palavras que na alma lhe instillam  
As agruras do fel muita vez!

Engeitado! Na fronte esculpida  
Esta horrivel palavra ficou!  
Oh! mal haja a mulher criminosa  
Que seu filho innocente engeitou!

## DESDITA

Tu és, ó minha alma,  
Qual planta nascida  
N'um ermo, soffrendo  
Do tempo o rigor;  
Ou áve, n'um clima  
De gêlo, perdida,  
Que adeja debalde  
Buscando o calor !

Bem vês que este mundo  
Não é qual sonhaste  
Um éden de encantos,  
Banhado de luz;

Outr'alma sincera  
Jamais encontraste  
Que entenda a poesia  
Que jorras a flux !

Não creias que exista  
Ventura na vida ;  
Ventura suprema  
Só ha junto a Deus !  
Qual planta, ou qual áve,  
Se vives perdida  
Procura outro clima  
Mais perto dos ceus !...

## CHORAS?....

(A J.)

Ha coisas na vida p'ra nos tão penosas  
Que só nos esquecem depois de chorar.

L. A. PALMEIRIM.

Que tens? porque choras? meu anjo, tu soffres!  
Quem vem a tua alma de dor enluctar?...  
Serão as saudades da infancia perdida  
Que fazem teus olhos de pranto turbar?

Ou são das esp'ranças que outr'ora viçosas  
Comtigo cresciam, rosinha em botão?  
Sem crenças na vida! sem fé na virtude,  
Já choras a morte do teu coração!

Já dores o mundo, donzella, te deu !  
Bem cedo tu pagas tributo ao viver !  
Esconde o teu pranto, que o mundo o não veja,  
Que póde alegrar-se por vêr-te soffrer !

Talvez alguém diga: « donzella não chores ! »  
Mas eu digo: chóra, que o pranto allivia;  
É triste mas unico allivio nas magoas,  
É santo remedio da muita agonia.

Ai, chóra sósinha; verás que te sentes  
Com mais desafogo, mais livre e melhor.  
Vejo que padeces ! Eu amo os que soffrem;  
Por isso que eu soffro respeito essa dor.

Mas triste d'aquella que quer e não póde  
As dores que sente, no pranto afogar.  
Ou sejam saudades ou falta de esp'ranças,  
O pranto consóla, faz bem o chorar !

## POESIA E MULHER

Celeste dem da poesia,  
Joia sem preço, calcada  
Aos pés da turba, que insulta  
As desventuras do genio.  
G. CASTELLO BRANCO.

Porque me vens tu archanjo da poesia,  
Com teu éstro de brilho scintillante,  
Com fogo divinal que a fronte queima,  
Esta alma extasiar?!  
Eu sinto-me inspirada!... mas o mundo  
Maldiz os sons da lyra, affronta o genio  
Que procura elevar-se, em azas de oiro,  
A cima do vulgar!

Com loucos preconceitos ouve os hymnos,  
—Hymnos que não conhece e não entende;—  
Vozes d'alma sinceras que condemna  
Por não as comprehender!



E mais as escarnece quando sabe  
Que vêm d'uma mulher os sons que escuta!  
À victima innocente nem lhe é dado  
Prantos deixar correr!

Só pôde ser feliz, ou ser querida,  
A mulher que em salões pompeia galas,  
Os gestos, a maneira, e em mil requebros  
Sorri-se ternamente!  
Que em vasto coração, se o tem acaso,  
A muitos pretendentes presta asylo...  
E o falso amor que se desata em risos,  
Reparte largamente!

Mas se odeia a vaidade mentirosa,  
Mira outra luz, tem outra senda aberta:  
Precisa d'outro amor, quer outro brilho  
Que não ha nos salões!  
Ama a luz radiante do talento,  
Idolatra a poesia, abraça a lyra,  
E sonha melhor mundo, embora este  
Lhe roube as illusões!...

Poesia! se dás gloria eu não a góso;  
Se dás palmas a quem a vida enturvas,  
São ellas tão exiguas que não chegam  
A mim pobre mulher!

Que importa!... Se não cinjo verdes louros  
Nem possuo os trophcus que dás a custo,  
Canticos são riqueza de minha alma,  
Nem outra gloria quer.

Eu sinto-me enlevada quando penso  
Em ti, meu terno amor, meu doce encanto.  
O mundo que me veja e tenha zelos  
D'esta funda paixão!  
Seus risos insensatos não me affligem;  
Mas se elle me partisse a pobre lyra...  
Ai de mim!... tambem elle aniquilava  
Meu triste coração!

## SUSPIROS

Eu procuro-te á noite quando a lua  
Com terno beijo empallidece as rosas;  
E nas praias do mar que nos separa  
Vão nossas almas suspirar saudosas.

GOMES D'AMORIM.

Se o pensamento, a revoar saudoso,  
Vai em procura de estações mais bellas,  
Mais triste fica, a alimentar saudades,  
Sem poder nunca separar-se d'ellas!

Ouve, não fujas! Estes meus gemidos  
Por ti os solto!... não no saiba o mundo!  
Só tu conheces do meu pranto a causa,  
E a historia triste d'um penar tão fundo!...

Só tu!... A estranhos não confio as dores  
Dilacerantes, que me cortam a alma  
Acolhe-as!... guarda-as!... Do teu peito amante  
Dá-me a ventura, restitue-me a calma!

Debalde clamo!... uma distancia enorme  
De mim te afasta... não te deixa ouvir-me!  
Ai! tu partindo-me levaste a vida...  
E não regressas! e não vens sorrir-me!

Não podes!... Creio! Se fatal destino  
Para tão longe te levou assim,  
Jamais te esqueçam nossos dias bellos  
E nunca olvides este amor sem fim!

## LEMBRA-TE

(NO ALBUM D'UMA LISBONENSE)

De saudades e desejos  
Os meus cantos so componho,  
Se algumas horas me riem  
São curtas horas d'um sonho.

A. F. DE CASTILHO.

Quando os teus labios sorrirem  
Aos afagos da ventura,  
Albergando na alma pura  
Um vivaz contentamento,  
Neste cantinho da terra  
Ao mesmo tempo padeço!  
Nessa hora... aqui t'o peço,  
Envia-me um pensamento!

Quando as sombras da tristeza  
Toldarem teu bello rosto,  
Quando uma dor, um desgosto  
Banhar teus olhos de pranto,  
Comparando-te a mim, hasde  
Julgar-te ainda ditosa...  
Recorda-te então saudosa  
Da amiga que soffre tanto.

Agora parte! Em Lisboa  
Tambem todos te desejam;  
Mas que estes dias nos sejam  
De grata recordação!  
Aqui levas o meu nome  
Neste livrinho doirado;  
E o teu m'o deixas gravado  
No fundo do coração!

Setembro de 1868.

## CAMÕES

(EM 9 DE OUTUBRO DE 1867)

Pagou-se emfim a divida sagrada,  
Alçaram-se os tropheus.  
Foram hoje tres seculos curvar-se  
Aos pés do semi-deus.  
E. VIDAL.

Bem hajas Portugal! Podes agora altivo  
Erguer a illustre fronte, entre as demais nações!  
Ninguem dirá que tu, minha querida patria,  
Olvidas teu cantor, esqueces teu Camões!

Se nuvens de desgraça, aos astros esplendentes,  
Offuscam toda a luz, matando-nos a fé,  
Apenas fuge a treva, eil-as no cêo de novo  
Sorrindo ao vendaval que lhes rugira ao pé!

Assim, ao vate eximio, os males não poderam  
Marcar o resplendor, toldar a immensa luz!  
E martyr, e poeta, ás magoas resignado;  
O genio deu-lhe a lyra, o mundo deu-lhe a cruz!

Em tempos que lá vão, antigos portuguezes  
Tinham mostrado ao mundo os vultos collossaes!  
Mas involvel-os-ia o pó do esquecimento,  
Se os cantos de Camões não fossem immortaes!

Bem hajas Portugal! Pódes agora altivo  
Erguer a illustre fronte a par das mais nações!  
O bronze attesta agora a tua immensa gloria;  
Es grande ó patria minha, honrando o teu Camões!



## ADEUS

A F. M. BUGALHO

Na vespera da sua partida para a Madeira.

Patria, patria! como nós te  
idolatrámos! como sentimos que  
nos és cara ao vêr que o navio  
nos leva ligeiramente para lon-  
go de ti!

A. de LEMBRANÇAS PARA 1870.

Ligeiro baixel sulcando  
As brancas ondas do mar,  
Para longe d'estas praias  
Te vas cedo arrebatâr.

Quando fugir aos teus olhos  
Esta formosa cidade  
Sentirás no fundo d'alma  
A mais pungente saudade.

É grande, immensa a tristeza  
—Nem ha outra igual na vida—  
Que se padece ao deixarmos  
A nossa patria querida...

Patria, patria! Quem não ama  
A terra aonde nasceu?...  
Quem de seus paes extremosos  
Uma só vez se esqueceu?

Mas agora não pertences  
À familia:—és da nação!  
Quando a voz do *dever* chama  
Immudêce o coração!

Parte, vae, que talvez breve  
Voltarás a ver os teus;  
D'elles te lembra na ausencia  
Quando leres este *adeus*!

## NÃO QUEIRAS !

NO ALBUM DE M.<sup>elle</sup> A. CARON

Bem joveninda, ao começar da vida,  
E já meu coração de magoas fonte!  
Na idade em que o prazer sorri aos outros  
C'róa de espinhos me ulcerou a fronte!  
GOMES D'AMORIM.

Porque descjas no teu livro intimo  
Um écco de tristeza e de amargura,  
Quando tudo em redor de ti são galas  
Que falam de ventura?!

Tu creança ditosa, só vês flores  
Que exhalam os arômas lá do empyreo;  
Eu, em volta de mim diviso apenas  
As sombras do martyrio!

Quando em roda de mim os olhos lango  
Diviso tudo invólto em véos de luto!  
O lindo ceu da minha mocidade  
Ha muito está occulto!

Foi Deus que assim o quiz! Luctar quem pôde  
Contra a força maior do seu destino?...  
Cumpra-se pois! que eu humilde me resigno  
Ao seu poder divino.

Mas não quero levar aos teus sorrisos  
Uma só d'estas lagrimas tão tristes!  
Nem quero que os lamentos da desdita  
Cheguem onde tu existes!

Da juventude góza os mil encantos  
—Vegetar como eu jamais foi vida!...—  
Sê alegre e feliz, e nunca sintas  
A tua alma abatida!

Outubro de 1868.

## ESPERANÇA

É a esp'rança, doce aurora,  
Meigo presente do ceu;  
Só no mundo é desgraçado  
Quem já de todo a perdeu.

A. X. R. CORDEIRO.

Irmã gemea da fé, meiga esperança!  
Ambas filhas do ceu, ambas divinas!  
Consolam, dão alento ao desgraçado  
Dizendo-lhe:—mortal, não desanimes!  
Melhor sorte te aguarda; crê e espera!—  
Esperar, desde o berço até á campa!  
O conforto d'aquella divindade  
Os martyrios e angustias faz menores.  
Caminhar, tendo sempre os olhos fitos  
N'esse bello farol que só se extingue  
No alento derradeiro da existencia!

Esperança! sem teu piedoso auxilio  
Quem podia levar a cruz que a todos  
Mais ou menos pezada cabe em sorte!..  
Se a senda que trilhamos fosse apenas  
De alegrias e flores esmaltada,  
E se magoas crueis nos não viessem  
Em pedaços fazer as fibras da alma,  
Onde estava da fé a santidade?  
Da esperança o poder aonde estava?!

São as mil provações, os mil revezes  
Amargo fructo da arvore da vida,  
O crisol em que a alma se depura;  
E quem na terra soffre humildemente  
Exaltado será na eternidade!

Junho de 1868.

## AMISADE

(NA DESPEDIDA DE G. T.)

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!  
FLAUGERGUES.

Amisade! mil vezes.bemdito  
Tens celeste, divino condão!  
Quando pura, leal, verdadeira,  
És na terra a mais santa união.

Desgraçado só é quem não sabe  
Os thesoiros que tens para dar;  
São riquezas que o mundo não paga,  
E bem raras, custosas de achar!

Ai d'aquelle que errante as procura  
Sem jamais as poder descobrir...  
Solitario divaga na terra  
Sem que uns labios lhe venham sorrir,

Ai de um peito que ancia outro peito  
Que lhe queira, e que o saiba entender!  
Existir sempre estranho aos affectos,  
Oh, mais vale... mais vale morrer!

Dos celestes jardins desprendida  
Foste, ó flor de perfume divino!  
Só de ti pôde vir a ventura,  
E a ti hoje consagro o meu hymno.

Tu virás recordar-me na ausencia  
As saudosas lembranças de alguém  
Que talvez por mim chore, e os meus olhos  
Sentirei orvalhados também!

Doce allivio das almas que soffrem,  
Tens encantos suaves, só teus!  
Se teu pranto me diz *amisade*,  
*Amisade* traduz este adeus.



## ANJO CAÍDO

Hontem viste, anjo caído,  
Rendido o mundo por ti...  
Hoje, depois que te abraça,  
Perpassa... mira-te... e ri.  
D. C. S. DE FRIAS.

Que triste foi teu destino!  
Os teus mais caros anhelos,  
Teus sonhos puros e bellos,  
Onde estão? quem t'os desfez?  
Dize ao mundo, anjo caído,  
Que do teu rosto a belleza,  
E da tua alma a pureza  
Te devolva elle outra vez!

Não póde? Pois não te importe  
Ser por elle condemnada,  
E não seres perdoada  
Por quem o mal te causou;  
Disse Deus á Magdalena,  
Que todos os seus peccados  
Lhe seriam perdoados  
Por isso que muito amou!

Vê: aquella peccadora  
Caida por um instante,  
Santa, feliz, radiante  
Á voz de Christo se ergueu!  
Darrama tu esse pranto  
Que uma grande dor exprime,  
Imita o exemplo sublime  
Que a Magdalena te deu!

E sentirás na tua alma  
Nova alegria e doçura  
Quando tornar a ventura  
De novo ao teu coração!  
Quem do crime cae no abysmo,  
Tenha fé, tenha esperança,  
Que eterna luz de bonança  
Lhe manda um Deus de perdão!

## DESALENTO

À MEMORIA DE M. J. L. R.

Quem morre e mais feliz!... Ai do que vive  
Entregue á negra dor, dado ao martyrio  
Sem mais esperança ter!

J. d'ABOIM.

Alma dal ciel descesca e al ciel tornata.

A. FRONDONI.

Embora muitos com receio á morte,  
Outros embora com amor á terra,  
Venham na campa que teu corpo encerra  
Sentido pranto junto á cruz verter!  
Eu não! eu creio que feliz é sempre  
Quem deixa a vida que nos dá só dores,  
Fugindo ao mundo que só tem horrores,  
Para em delicias eternaes viver!

Éras do ceu, e para o ceu voltaste,  
Ó alma pura, angelical, querida!  
Do muito que ella padeceu na vida  
O premio agora recebido tem!  
Mais algum tempo de forçado exilio  
N'este desterro d'onde tu partiste...  
Que se me vejo solitaria e triste  
Qual tu ditosa eu hei de ser tambem!

Se o mundo olhamos por um vò de lagrimas  
Que negro o vêmos atravez dos prantos!  
É feio, horrendo, sem nenhuns encantos...  
Pois só ha penas no viver d'aqui!...  
O desalento minha fronte acurva...  
O desalento! que tão cedo veio!...  
Qual setta aguda me trespassa o seio  
Aonde outr'ora tanto amor senti!

N'essa morada que tu hoje habitas,  
Tambem um dia, de soffrer cançada,  
De todo inerte, sem vigor, gelada,  
Descanço eterno gozarei por fim!...  
Que importa áquelles que sorrindo passam;  
As frias cinzas que uma campa encerra?...  
Quando o meu corpo se cobrir de terra  
Ninguem, de certo, chorará por mim!

## NÃO CHORES!

### À MORTE DE UM INNOCENTE

Não chores, ó mãe saudosa  
Pelo filho que morreu!  
Que se tu choras na terra  
Cantam os anjos no ceu!

Não chores, que n'este mundo  
Só ha urzes, só ha dores;  
E teu filho vive agora  
N'um jardim de eternas flores!

Chora, mas junto do berço  
D'aquelle que te ficou,  
Porque Deus o ha esquecido  
Quando na terra o deixou!

É feliz quem parte os elos  
D'esta vida, sem saudade,  
E nas azas dos archanjos  
Busca a paz da eternidade!

Venturosa eu assim fôra  
Morrendo tambem criança!  
Não soffrera tantas magoas...  
Não perdera tanta esp'rança!...

Não chores, ó mãe saudosa,  
Por teu filho que morreu!  
Enquanto choras na terra  
Cantam os anjos no ceu!

## COQUETTE

O temor de traições, de prejuíros  
Cabe áquellas que os fazem também,  
Que a mulher que agradar tenta a todos  
Amor puro não colhe a ninguém!

J. A. Pinto

Mulher! porque vaes tu passando altiva  
Por entre as multidões?  
Porque vem teu olhar e teu sorriso  
Prender os corações?

Porque és bella! E vaidosa da belleza  
Que a sorte te doou,  
Não te lembras sequer que mil formosas  
O tempo aniquilou!

Formosura! reinado passageiro,  
Que dura um dia só...  
Se não tens mais do que esse valimento,  
Mulher, causas-me dó!...

No carro triumphante em que caminhas  
Voltejam os amores!  
Es feliz porque vês augmentar sempre  
Os teus adoradores!...

E não sabes que os elos com que os prendes  
São faceis de quebrar...  
Quando os annos roubarem teus encantos  
Quem é que te ha de amar?

Ai! ninguém! solitaria, abandonada  
Bem cedo te verás...  
Então sim, pelo tempo em que reinavas  
De certo chorarás!...

Oh! procura em mais solidos cimentos  
Firmar o teu poder;  
A mulher que for boa e sem vaidade,  
Não teme envelhecer!



## CASTILHO

Eu, por mim... sempre esta fronte  
Curvo, á luz que no horisonte  
Da minha patria rompeu.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Es grande! és immortal! Nunca se extingue  
A chamma que deslumbra as multidões!  
O prestigio do genio é dom celeste,  
Que inspira enthusiasmo e adorações!

Não se offusca jamais a nivea estrella  
Que na fronte inspirada te reluz!  
Coroadado de louros e em triumpho  
A gloria ao Capitolio te conduz!

Es cego!... mas que importa? Os olhos d'alma  
Abrangem terra e mar em derredor!  
Ninguem sabe pintar a natureza  
Com mais finos pinceis, mais linda côr!

Assombras e não vês!... Velou teus olhos  
Quem o genio immortal te concedeu!  
E se d'um grande bem te priva, embora!  
Maior, muito maior outro te deu!

Na fama do teu nome eterno fica  
Estimulo a vindoiras gerações!  
Es agnia, rasga o vôo audacioso,  
E transpõe as ethereas regiões!

NO ALBUM DO SR. J. A. ROCHA

Andar sempre mendigando  
—Pobre livro!—é teu destino  
E vens, por fado mofino,  
À minha porta bater!  
Sou também pobre, e com pouco  
Poderei favorecer-te,  
Mas não me atrevo a dizer-te:  
*D'esta vez não póde ser!*

Não direi, que taes palavras  
Não attestam caridade!  
Serás, por tua humildade,  
Attendido d'esta vez!

Sonhando-te mil riquezas  
Teu dono cá te mandára!  
E em vendo que se enganára  
Rejeita a esmola, talvez!

Tem razão!... Mas que remedio  
Ha para o mal que está feito?...  
Escrever sem tom nem geito  
Foi sempre costume meu!...  
Não te faço confidente  
De tristezas e de magoas,  
Sinta embora aqui as fragoas  
Que a desventura accendeu!

Ai pobre livro! que pena  
Ter de deixar-te tão cedo!  
E forçoso, tenho medo  
De carpir a meu pesar!  
Acceita o que posso dar-te:  
Linhas são, não serão versos;  
Mas embora sons dispersos,  
Com elles volve ao teu lar!

## INVOCAÇÃO

Balsamo santo, poesia,  
Irmã da nobre agonia,  
Eterno incenso do céu.

C. Castello Branco.

Oh, vem poesia! teu influxo santo  
Faça os milagres que por vezes faz!  
Que só tu podes, com teu mago encanto,  
Dar-me momentos de conforto e paz!

Só por momentos eu te sinto e vejo!  
Depois... as trevas em redor de mim!  
Não mais me fujas! divagar desejo  
Nas tuas bellas regiões sem fim!

Oh, minha lyra, que eu jamais escute  
Os éccos tristes de um adeus final!  
Faze que ainda eu de prazer exulte,  
E olvide os golpes d'uma dor fatal!

Não é teu fogo, —que dá luz e vida—  
A falsa chamma d'um mentido amor,  
Lyra adorada, inspiração querida,  
Sem vós morria de tristeza e dôr!

Alma cansada, coração já morto,  
Eis o que sinto no verdor dos annos!  
Visão celeste, que me dás conforto,  
Vem segredar-me divinaes arcanos!

Sei que aos poetas predilectos teus  
Concedes louros de eternal verdor;  
Brilhante estrella que reluz sem veus,  
Gloriosa fama, suspirado amor.

Mas isto é muito! Não desejo tanto,  
Nem tenho inveja do que dás aos mais.  
Basta que adoces meu amargo pranto,  
As minhas magoas, os meus fundos ais!

E só tu podes dissipar ainda  
As densas trevas que me pesam na alma!...  
Oh, vem, poesia deslumbrante e linda,  
Que um teu sorriso minha dor acalma!

Agosto de 1866

## DOR INTIMA

A luz da minha fé sumiu-se, é morta;  
A luz do meu amor... Ai! tudo fuge.  
Só esta dor não passa!

J. SIMÕES DIAS.

Ai! tudo cança e acaba! o teu affecto  
Que tão ardente cri, vae-se extinguindo,  
E findará talvez!...  
No teu peito, de amor e luz repleto,  
Um vácuo existe!... O nosso ceu tão lindo  
Já nuvens tem, não vês?...

São nuvens precursoras da tormenta,  
Que não tarda, cruel, assustadora,  
Pois já se enturva o sol!



Presinto-a de antemão, e me atormenta,  
Que não vejo uma estrella salvadora,  
Nem salvador farol!

Bem presto vi fugir minha ventura!  
As crenças que nutrira e amara tanto,  
Não voltarão jamais!  
E tu indiferente!... Esta amargura  
Não conheces! Não vês este meu pranto,  
Nem ouves os meus ais!...

Vou perder-te!... bem sei!... Recebo agora  
A c'roa do martyrio!... Novo espinho  
Me vâra o coração!....  
É immensa esta dor!... mas ai!... Embora!  
Se um dia eu te encontrar no meu caminho  
Talvez tenhas perdão!...

Sim! hei de perdoar-te! Hei de olvidar-me  
Que me lançaste ás chamas d'este inferno,  
Podendo abrir-me o ceu!  
A serpe do remorso ha de vingar-me!...  
E qual o meu soffrer—perenne, eterno,  
Será o soffrer teu!...

Novembro de 18...

## ABRIL

À MINHA AMIGA D<sup>MA</sup> EMILIANA VINHAS

Abril! quando elle chega  
Tudo nos diz—amor!—  
Foi n'este mez florido  
Que tu nasceste, flor!

El pendes, e vacillas  
Na jarra delicada,  
Curvando a linda coma  
Das auras bafejada!

Um anjo bom te livre  
Dos fortes vendavaes,  
Que semeiam ruinas  
Por entre prantos e ais...

D'aquelles que por terra  
Ha muito me hão prostrado,  
E as rosas da ventura  
Me têm aniquilado!

Nas sombras da tristeza  
Em que me vejo agora,  
E tudo solitario...  
Não ha luz salvadora!

Mas quando ao ceu levanto  
Os olhos magoados,  
Lá vejo a luz que Deus  
Aponta aos desgraçados!

Nem sei que estranho jubilo  
Me inunda o coração  
Se fito olhar ancioso  
Na etherea vastidão!

Os elos com que a alma  
Ligada ao corpo está,  
Um dia (talvez breve)  
A morte quebrará.

Então já sôlta e livre  
De tanta angustia e dôr,

Ha de subir radiante  
Ao throno do Senhor!

Bemlita a luz da fé  
Que Deus á terra envia,  
E que entre tanto abysmo  
Meus debeis passos guia!

Bem sabes os abrolhos  
Que achei no meu caminho...  
Apenas um se quebra  
Renasce um outro espinho!

Bem sabes quantas lagrimas  
Tenho chorado aqui!  
De tão cruel destino  
Deus te defenda a ti.

Que nunca venham nuvens  
Toldar-te o ceu d'anil,  
Mudando em triste inverno  
O teu festivo abril!

Mas ai! se com o tempo,  
No decorrer da vida,  
As magoas que ora soffro  
Soffreres tu, querida,

Não busques cá na terra  
Allivio aos males teus;  
Aqui são tudo trevas...  
A luz só vem de Deus!

Abril de 1869.

## REGRESSASTE!

Ai, de ti que saudades que eu tinha  
Ai, do ti que saudades, meu Deus!  
A. E. VIDAL.

Tu perguntas se tive saudades  
De quem amo ainda mais do que a vida!  
Póde acaso tornar-se esquecida  
Quem adora sem termo, sem fim?  
Não de certo! que o amor verdadeiro  
Às distancias e ausencias resiste;  
Por mais longe que viva, e mais triste  
Mais vigora, mas cresce inda assim!

Muitas vezes eu fui, solitária,  
Tendo em pranto banhado o meu rosto,  
Divagar, consternada, ao sol posto,  
Pelas tristes montanhas d'além!  
Quando a lua surgia formosa,  
Eu á lua por ti perguntava,  
E ás estrellas do ceu supplicava  
Que de ti me fallassem tambem!..

Mas agora que enfim regressaste,  
E eu te vejo de novo a meu lado,  
Esqueçamos o triste passado  
Que me fez tantas magoas sentir!  
Se uma nuvem toldou por momentos  
O ceu puro da nossa ventura,  
Novo astro de esp'rança fulgura  
Indicando um risonho porvir!

Regressaste! Não vês como tudo  
Que nos cêrca, de galas se veste?  
Tudo brilha! no manto celeste  
Esse azul tem mais vívida côr!  
É que a terra, as estrellas, e os mares,  
E esses campos que á lua verdejam,  
Como eu tua vinda festejam  
E parecem falar-nos de amor!

## ILLUSÕES PERDIDAS

### NO DIA DOS MEUS ANNOS

«Minha triste mocidade,  
Que entre a dor e a saudade  
Assim me vaes a fugir!»

\* \* \*

Pungente e dolorosa és tu, saudade  
Dos fugitivos dias que lá vão!...  
Doiradas illusões, risonhas crenças,  
Prazeres infantis, aonde estão?...

Quem trilha sem espinhos e sem dores  
A senda tortuosa d'esta vida?...  
Quem não viu dissipar-se ou extinguir-se  
Das suas illusões a mais querida?...



Agora n'este marco me recósto  
Cançada de chorar e de soffrer!  
D'aqui vejo o caminho percorrido,  
E penso no que tenho inda a vencer.

Eu d'esta vida o fim anciosa espero,  
Qual nauta que suspira por bonança!  
Agitado ou tranquillo... nada importa!  
Que está longe d'aqui a minha esp'rança!..

11 de maio de 1865.

## IZABEL II

Oh fugacità del tempo!  
Oh mobilità perpetua delle cose!  
S. PELLICO.

Eis o que vale, o que dura  
Na terra a grandeza humana!  
Inda ha pouco soberana,  
Agora aviltada e só!  
Respeitavam-te, princeza,  
O poder dos teus soldados,  
Tinhas vassallos prostrados  
Tão humildes como o pó.

Porque foi que assim perdeste  
Tudo, como por encanto?!  
Teu sceptro, teu regio manto,  
Dize, rainha, onde estão?

Da tua cabeça altiva  
A c'roa foi arrancada,  
E tu, proscripta, odiada,  
Nem inspiras compaixão!

Dize um adeus bem saudoso  
Ao esplendor que perdeste;  
N'essa altura onde estiveste  
Não te tornarás a ver!...  
Não podem aguias da França  
—Com todo o desejo d'ella,—  
Nem os leões de Castella  
Teu throno de novo erguer!...

Não podem, não! Dos monarchas  
Só a clemencia é esteio,  
Tendo um throno em cada seio,  
Um filho em cada vassallo!  
Tão sincero e ardente preito  
Nunca mereceste, bem sei;  
Para que o povo ame o rei  
Deve o rei tambem amal-o.

Que tristes foram, rainha,  
Os dias do teu reinado!  
Quanto sangue derramado!  
Quanta viuvez e orphandade!

E tu, sendo esposa e mãe,  
Não tremias, não choravas,  
Quando sem dó assignavas  
Sentenças de iniquidade!!..

Mas depois de mil esforços,  
Os corajosos, os braves  
Deixaram de ser escravos  
Sacudindo a tyrannia!  
Veio a luz da nova idéa  
Que o povo anima e desperta,  
Apontar-lhe a senda aberta  
De fortuna e d'alegria!

Lança ahí do teu exilio  
Um olhar á patria Hespanha:  
Vê que ventura tamanha  
Por lá vae, que doces bens!  
Ao calor da liberdade  
Ella resurge contente!  
Já não teme, já não sente  
Teus odios e teus desdens!

## A ORPHA

.....tan joven y ya tan desgraciada.  
ESPRONCEDA.

Alem, no cemiterio as sombras descem,  
E espalha a lua seu estranho alvor!  
Os mortos... dormem! não acordam... Vamos!  
Entremos sem pavor!

Ali, no angulo mais triste e escuro,  
Um vulto de mulher agora vi;  
Não sei quem ella seja; sei que chora,  
Chora... que eu bem senti!

Acheguemos um pouco!... É uma orphã!  
Vem prantear a morte de seus paes.  
Bem dita devoção! Veio sósinha  
Desafogar seus ais!

Abandonada e só!... Vive no mundo  
Sem afagos, sem guia, e sem calor!  
Na fronte juvenil não sente os beijos  
Do maternal amor!

Quando a mãe lhe morreu, atroz martyrio  
Sentiu no coração, que se partia!...  
Ai triste! sem saber quantos mysterios  
Ha na extrema agonia!

Ter mãe é desfructar almas delicias  
Do ceu, que só o ceu as tem assim!  
Rejubilar d'amor, sentir encantos  
E venturas sem fim!

Por isto chora a orphã desditosa,  
E vem aqui prostrar-se aos pés da cruz!  
N'esta sublime proce, sóbe, exalta-se  
Ao throno de Jesus!

## CARIDADE

(Poesia offerecida aos bemfeitores do asylo  
de infancia desvalida de Setubal,  
no primeiro anniversario da sua instituição)

Bem dita sejas na terra  
Ó divina caridade;  
À pobreza e á orphandade  
És allivio e protecção!  
Trocas os prantos em riso,  
E na desvalida infancia  
Derramar luz e fragrancia  
É teu celeste condão!

Sobre a terra não existe,  
—Dentro de alma generosa—  
Prazer como o que se gósa  
Quando o bem se praticou;

Quando o pobre e o desgraçado  
Estende a mão supplicante,  
E abençoã o caminhante  
Porque a fome lhe matou !

Assim, pois, as criancinhas  
Que da fortuna esquecidas,  
Divagando entristecidas  
Mal nos podiam sorrir,  
Amparadas n'um asylo  
Hão de amar seus bemfeitores,  
N'esse jardim onde as flores  
Têm alma para sentir.

Quando nos ermos da vida  
Esmolas chovem piedosas,  
No ceu reverdecem rosas  
De eterno viço e frescor !  
Bem dita sejas na terra  
Ó divina caridade,  
A pobreza e a orphandade  
Acolhes com tanto amor !



## IMSOMNIA

Só me cercam phantasmas de tristeza;  
Que silencio! Que horror! Que escuridade!  
Parece muda ou morta a natureza.

BocAGE.

Reinam as trevas! tudo em paz descança  
Sob os mantos que a noite destendeu!  
Té a lua se esconde em véos de gazo  
E parece dormir!... Vélo só eu!

Sósinha, entregue á dor, eu vélo e scismo,  
Immersa nos mais negros pensamentos!  
Porque não vens, ó somno? ó doce amigo  
Porque não vens findar os meus tormentos?

A quantos que durante o dia soffrem  
Não prestas santo allivio n'esta hora!  
E negas-me igual bem! e não me escutas!  
E foges da infeliz que assim te exora!

Vem depressa! que a vida, em quanto durmo,  
Será talvez mais facil de levar!...  
Vem dar-me sonhos bellos em que eu possa  
Ver-me feliz... ao menos a sonhar!...

És a imagem da morte, e no teu seio  
Têm abrigo seguro os desgraçados!  
Não tardes! vem cerrar meus tristes olhos,  
De prantos e de insomnia macerados!

Quando o somno final um dia os feche,  
Despertando-me a luz da eternidade,  
Ditosa então serei, porém agora  
Cercada estou de densa escuridade...

Vem, pois, que durante algumas horas  
Darás allivio ao meu cruel tormento;  
Em ti a morte vejo, em ti encontro  
Dois grandes bens: a paz e o esquecimento!...

## MAL D'AMOR

Escuta o que te diz  
O anjo do amor que vêla a mocidade  
Deixa a velhice o pranto e a soledade  
Amia, e serás feliz!

C. DE FIGUEIREDO.

Dize-me o motivo,  
Gentil donzellinha,  
Porque andas sósinha  
Tão triste, a scismar!

Hontem toda risos,  
E agora um desgosto  
Já vem o teu rosto  
De sombras toldar!

Mas o que deu causa  
A essa mudança?

Tens, pobre criança;  
Alguma afflicção?

Nada me respondes!  
Com ar contrafeito  
Pousas sobre o peito  
A nevada mão!...

Ai sim! não me engano!  
Tuas faces vejo  
Cobertas de pejo  
Que accusar-te vem!...

Não sei de doença  
Mais tenaz do que esta!  
É sempre funesta...  
Remedio não tem!...

Mas olha, não temas;  
O mal que padeces  
E que não conheces,  
Um crime não é.

Novos horisontes  
Te rasgá o futuro;  
Com passo seguro  
Caminha. Tem fé.

E tão enleada!  
E tão vergonhosa!  
A face mimosa  
Te cobre o rubor.

Ai não te envergonhes;  
Aos que amam, Deus ama;  
E o teu mal se chama...  
Não sabes?... *amor!*

Setembro de 1870.

## A MINHA ESTRELLA!

Jamais se esconda tua luz tão bella,  
Formosa estrella do meu puro ceu!  
Ai! que se um dia te não vejo pura,  
Toda a ventura para mim morreu!

Eu te procuro quando o sol nos fuge,  
E ainda hoje namorar-te vim!  
Quando te vejo scintillar, querida,  
Esqueço a vida n'este enlevo assim!

Esqueço tudo quanto abrange a terra;  
A paz e a guerra, e o prazer e a dor!

Deixando aos homens a ambição, que arrasta,  
A mim me basta teu feliz amor!

Se um dia, a vista, percorrendo espaços,  
Não visse traços de tão meiga luz,  
Ficava triste, sem amor, sem vida...  
No chão caída deporla a cruz!

## SAUDADE

Tudo pedi na afflicção  
Da medonha soledade,  
Tudo pedi... mas saudade.  
Ai a saudade é que não!  
D. ANNA A. PIACIDO.

Amei! que importa? que teve  
De criminoso esse amor,  
Se foram meus sonhos bellos,  
Os innocentes anhelos  
Da mocidade em verdor?...

Depois densa, negra nuvem  
Minha estrella escureceu...  
Se tento buscar-lhe o trilho,  
Ou não a vejo, ou sem brilho  
É tão triste... como eu!...



Com as crenças do passado  
Mais uma crença ficou...  
Na aridez da soledade  
Não tenho mais que a saudade  
Que triste pranto orvalhou!...

N'esta vida toda espinhos  
Que outra flor pode viçar?  
Agora, nas cinzas frias  
De passadas alegrias,  
Nem sequer devo tocar!

Perdido tudo que outr'ora  
Alegrava o meu viver!  
Ao lembrar-me do passado  
Tão bello, tão encantado,  
Mais me sinto entristecer!

Quem ha tão feliz que ignore  
Das saudades o amargor?  
Quando ás vezes nos sorrimos,  
Com esse riso encobrimos  
Nossa mais pungente dor!...

## UM VOTO

(NO ALBUM D'UMA SENHORA)

Impõe o costume deixar n'estes livros  
Banaes elogios, finezas tambem!  
São coisas da moda já tão repetidas  
Que péccam por velhas e não entretêm!

Das lyras doiradas nas cordas sonoras  
Ha cantos brilhantes de maga harmonia!  
Mas eu, de tão pobre, nem ousou dizer-te  
Palavras festivas que dão alegria!

Quem vive cercada de negra tristeza  
Que pode de alegre dictar e sentir?..

Idéas risonhas jamais eu as tenho...  
Nem devo escrevel-as! Não posso mentir!

Só posso, só devo sagrar-te o meu voto;  
E votos mais intimos nunca senti!  
Que um anjo custodio teus dias proteja,  
Que seja contigo, que véle por ti!

Estrella propicia guiando os teus passos  
Te ensine o caminho que ao ceu nos conduz.  
As nuvens espessas que enluctam a alma  
Toldar-te não possam das crenças a luz!

Setembro de 1868.

## SOL POSTO

E tão suave ess'hora  
Em que nos fuge o dia,  
Em que suscita a lua  
Das ondas a ardentia.

A. HERCULANO.

Põe-se o sol; é solemne este instante  
De indelevel poesia e de encantos!  
Oh, são grandes, immensos e santos  
Os momentos d'amor e de fé!  
Quantas vezes de magoas oppressa,  
Contemplando esta luz do sol posto,  
Quantas vezes deslisa em meu rosto  
Doce pranto que triste não é!

N'esta hora tão meiga, ó poesia,  
Vens beijar minha fronte ao de leve,  
E me levas nas azas de neve  
A pairar n'esses mundos só teus!  
Em teu seio a minha alma arrobada,  
Esquecida de tudo o que é pena,  
Solta já das cadeias, serena  
Vai subindo... subindo até Deus!

Não é entre enganosos prazeres  
Das cidades que est'alma se inspira,  
Nem lá podem as cordas da lyra  
Suas notas sentidas vibrar;  
É aqui, na soidão, é no campo,  
Nas encostas dos montes, n'um ermo,  
Que o meu peito sem forças, enfermo,  
Inda pode um allivio encontrar.

É no campo, ao sol posto, que invóco  
Uma esp'rança risonha, florida,  
Que entre angustias e trevas da vida  
A meus olhos mais bella reluz!  
Ao seu brilho tão claro e tão puro,  
Divisando outro mundo mais santo  
De perenne ventura, de encanto...  
A minh'alma se inunda de luz!...

Meiga esp'rança, divino conforto!  
Dos que penam tu nunca te esqueces;

Como sempre festiva appareces  
 A quem soffre, a quem é infeliz!  
 Quando esgôto, transida de dores,  
 Este calix que tive por sorte,  
 É então que me apontas meu norte,  
 É então que mais bella sorris!...

.....

Já de sombras a terra se veste,  
 Que entre nuvens o sol vai fugindo;  
 Este sol que ainda ha pouco tão lindo  
 Era rei no horisonte a fulgir!  
 Inda assim n'esse extremo lampejo,  
 Inda assim desmaiado é formoso;  
 Como é terno, suave e saudoso  
 N'este adeus que nos diz ao partir!

Froixo e tibio, declina, esmorece,  
 N'estas horas de paz infinita,  
 N'estas horas de crença bemdita,  
 Que tão gratas doçuras contêm!  
 Qual a sua é a minha existencia:  
 Já sentiu alegria um instante;  
 Mas agora, sem luz, vacillante,  
 Desfallece... declina tambem!..

## NÃO FUJAS!

NO ALBUM DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>  
D. AMELIA GALVÃO VINHAS BASTOS

Em Portugal, uma aldeia,  
Por noites de lua cheia,  
E tão bella e tão feliz!  
J. de Lemos.

Do Brazil filha mimosa  
Que fazes em Portugal,  
Que não te vejo saudosa  
Da tua terra natal?!  
Minha gentil brasileira,  
Sempre alegre e prazenteira  
N'este meu lindo paiz!  
Não sabendo o que é saudade,  
Toda viço e mocidade,  
Quem pôde haver mais feliz!?

Dizem que são muito bellas  
As terras do teu Brazil;  
Que têm mais brilho as estrellas,  
E é mais puro o ceu d'anil;  
Que n'esses climas ardentes  
Os amores são vehementes,  
Inda mais que são aqui!  
Mas eu, que sou portugueza,  
Quero tomar a defeza  
D'esta terra onde nasci!

Em affectos nós vencemos  
Os teus patricios do sul.  
Repara: tambem cá temos  
Campo verde, e ceu azul!  
Se nos faltam as palmeiras,  
Abundam as laranjeiras  
Copádas, choias de flor.  
Nem faltam aves canoras  
Que saudem as auroras  
Com seus canticos d'amor!

Se não tens redes de pennas  
Em que possas embalar-te,  
N'estas aguas tão serenas  
Podes sem medo banhar-te;  
Sim, nas aguas do meu Sado,  
—Vasto espelho prateado—  
Vai o teu rosto mirar;



Verás como elle é formoso!  
E como brando e amoroso  
Vem as planicies beijar!

Não temos virgens florestas,  
Mas não nos faltam collinas;  
E mais formosas são estas  
Esmaltadas de boninas!  
Em horas de calma ardente  
Vai recostar-te indolente  
À sombra dos laranjaes,  
E nas horas encantadas  
Em que as auras perfumadas  
Vão gemer entre os rosacs!

Não desates nunca os laços  
Que a simpathia teceu,  
Não fujas dos nossos braços,  
Não te apartes d'este ceu!  
Tens dentro de nosso peito  
Profunda affeição, e o preito  
Que tu sabes inspirar.  
És feliz! e Deus permitta  
Que nunca venha a desdita  
Um tal encanto quebrar!

23 de março de 1870.

## O INVERNO

Es feliz, ai! feliz se o inverno,  
Te não diz em seu livido aspecto  
Que, perdido o teu ultimo affecto,  
Da tua vida o calor se acabou!

G. D'AMORIM.

Vem assomando o inverno!... O sol véla-se a espaços;  
Aqui ruge o aquilão; nos mares escarcéos!  
O firmamento ha pouco azul e tão formoso,  
De brumas tem agora espessos, densos véos!

Manhãs de primavera, onde vos escondestes?  
Calmoso, ardente estio, onde é que estás tambem?  
Fugiram!... assim foge o riso, a mocidade!..  
Se um giro tem o anno, um giro a vida tem!

Rodando uma só vez o cyclo da existencia  
Os tempos não renova, os annos não desfaz!...  
Não remoçamos nós! resurgem primaveras,  
Succedem-se estações!... Jazemos nós em paz!...

Velhice e desconforto! as metas do futuro  
Alvejam-nos tão perto!... E tudo finda ali!...  
Vem tu, ó sol da gloria, illuminar-me a frente,  
Doirar os dias meus, vividos ainda aqui!

Dezembro de 1869.

## ANNO BOM

Lá surge um anno novo  
Co'a luz do novo dia,  
Co'o sol a nova aurora!  
Surgiu! bem vindo seja!  
Delicias e alegria  
No mundo é tudo agora!

Mas quem será vidente?...  
Volvoi magoado olhar  
Ao anno que findou!  
No livro do futuro  
Quem pôde soletrar?  
Quem já o analysou?

Ninguem! tudo é mysterio!  
Só Deus lá sabe ler!  
E a sua mão potente  
Virou mais uma folha  
Que não mais hade ver  
A geração presente!

Gozae e ride alegres,  
Folgae que eu intristeço  
De vaga anciedade!  
Em vós é tudo esp'rança,  
Eu nada espero e peço...  
Em mim tudo é saudade!...

## O REGRESSO DA PRIMAVERA

Ó primavera! é tua festa esplendida!  
Tudo que exulta é convidado aqui!  
Tudo se achega aos teus effluvios mysticos,  
Tudo se enfeita, e reflorece, e ri!

T. RIBEIRO.

Chegou a primavera! O sol dardeja  
Com mais brilho e fulgor!  
Sentem as almas já mais doce jubilo,  
E os peitos mais amor!

A natureza inteira um hymno solta  
Alegre e festival!  
Deixa, Senhor, deixa cazar meu canto  
A festa universal!

Cantemos! que nem tudo n'esta vida  
É pranto, magoa e dor;  
Tambem entre os espinhos e os abrolhos  
Viceja muita flor!

Alem, sobre o copádo e verde cedro  
Gorgeia o rouxinol;  
Tapetes de esmeralda o solo cobrem,  
Doirados pelo sol;

Sereno o mar não teme as tempestades;  
Do ceu é linda a cor:  
A lua é mais poetica e formosa,  
Mais doce o seu pallor!

Ai triste!... se contemplo a festa esplendida  
Da florida estação,  
Julgo volver aos meus passados annos...  
É mais uma illusão!...

Onde é que estás, ó minha primavera?...  
Que sôpro abrazador  
Veio crestar sem dó, e sem piedade,  
Teu viço encantador?

Foi o tempo, que passa e que não volta!  
E no seu decorrer

Vos levou para sempre, ó minhas flores,  
Meus risos, meu prazer!

Mas se agora no mundo é tudo bello,  
E aqui em derredor  
Tudo palpita e ri; se tudo eleva  
Um hymno ao Criador,

Tambem eu quero unir este meu canto  
Á festa universal;  
Quero alegre, a sorrir, esquecer magoas  
Que tenho, por meu mal!

Marco de 1870.



## IGNOTO AMOR

Quem és tu? Poder occulto  
Me tem obrigado a amar-te!  
Sem poder nunca fallar-te,  
Sem te ver uma só vez!  
Serás visão feiticeira  
Toda c'roadada de esp'rança,  
Quo em meus sonhos de criança  
Me sorria tanta vez?...

És a estrella scintillante  
Que nas horas do sol posto  
Vem inundar o meu rosto  
Com sua magica luz?

Es o meu anjo da guarda,  
Que me dá vigor e alento  
Para soffrer o tormento  
Da minha funesta cruz?

Não respondes! mas eu posso  
Affirmar-te que te adoro!  
E por ti ás vezes choro  
Sem mesmo saber porquê!  
Em visões, estreila, ou anjo,  
A minha alma te procura,  
E em delirios de ventura  
Por te amar espera e crê!

Não me deixes visão linda,  
No desterro d'esta vida!  
Oh minha visão querida  
Nunca me fujas d'aqui!  
Nas horas em que não tenho  
Tua imagem a meu lado,  
Meu pensamento agitado,  
Foge, e vai poisar em ti!

Brilha sempre! não te apagues  
Minha estrella peregrina!  
O teu brilho me illumina  
E me dá vida e calor!

Para o ceu, d'onde vieste,  
Leva-me um dia contigo,  
Anjo, dá-me amparo e abrigo  
Nas azas de nivea côr!

## BRANCA POMBA

Alvo lyrio, branca pomba,  
És tão linda em teu alvor?  
J. DE DEUS.

Linda pomba com azas de neve,  
És acaso enviada por Deus?  
Vens na terra poisar ao de leve,  
E vaes logo em demanda dos ceus!

D'onde vens? porque fendes os ares?  
Onde vaes? teu destino qual é?  
Atravessas o campo e os algares  
E um instante me poisas ao pé!

Oh eterna e formosa viajante,  
Que saudades eu tenho de ti  
Quando n'essa carreira incessante  
Tão depressa te afastas d'aqui!

Mensageira de paz e bonança,  
As mensagens não vêm para mim!...  
Eu não tenho no mundo uma esp'rança,  
E tu fallas de esp'ranças sem fim!

Andas sempre cruzando os espaços  
Em procura—quem sabe?—d'amor!  
Vem aqui descansar nos meus braços,  
Terás vida, alegria e calor!

Como tu, a minha alma, adejando,  
Luz e amor foi tambem procurar;  
Fatigou-se—coitada!—buscando  
Esses bens, que não poudes encontrar!...

Seio amigo não teve na vida  
Onde exhausta se fosse acolher!  
E eu te of'reço, gentil foragida,  
O meu peito, onde podes viver.

Ès ditosa, pombinha de neve!  
Tens destino melhor do que o meu!...  
Se n'um pantano roças de leve,  
Logo vòas, erguendo-te ao ceu!

## BOCAGE

Elle era um genio: na espaçosa fronte  
Deixára um traço vivo do horizonte  
O sol da inspiração que ali passára.

J. MONTEIRO.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira  
Recorda o grão cantor.....

SOARES DE PASSOS.

Setubal, que se ufana de ser berço  
A Bocage, ao poeta sublimado,  
D'esse genio immortal, apaixonado,  
Não conserva sequer uma memoria!  
Extincta para sempre aquella vida  
De talento, pobreza, e magoas cheia,  
Nem lhe resta uma pedra onde se leia  
A sua triste história!

Ingratos filhos d'esta nobre terra,  
 Quem póde relevar vosso desleixo?...  
 É justa a dor com que de vós me queixo,  
 Pois olvidaes tão viridentes loiros!  
 Se alguém vos perguntar onde repousam  
 De Elmano as cinzas, que resposta daes?..  
 Vergonha!... Nem as cinzas lhe guardaes,  
 Legando-as aos vindoiros!

Foi a poesia o seu constante anelo,  
 Foi-lhe condão e luz na vida inteira!  
 Agonizando, do sepulchro á beira,  
 Soltou a voz sonora, ergueu um hymno!  
 Tal como o cysne, que cantando morre,  
 Morreu aquelle por quem chora o Sado!  
 E só emmudeceu quando apagado  
 O seu estro divino!

«Nenhuma pedra ou inscripção ligeira»  
 De Bocage recorda o nome e a gloria!  
 Mas nos seus cantos eternal memoria  
 —Graças a elle—nos ficou ainda!  
 É que os engenhos de subido alcance,  
 Prevendo que os espera o esquecimento,  
 Nas suas obras deixam monumento  
 De duração infinda!

## A GLORIA

A gloria! o sonho do crente!  
o extasi do profeta!  
a noiva do cenobita!  
a aspiração do poeta!

C. DE FIGUEIREDO.

Se a gloria é sombra que se esvae na campa,  
Se a gloria é fumo que no ar se esvae,  
Não sei! mas creio que é visão formosa  
Após da qual a humanidade vac.

El corre ávante, não descança nunca  
No seguimento da miragem bella,  
Que acêna ao longe, que depois se esquivava  
Sem que se saiba que foi feito d'ella!



Ao templo augusto, aonde tem o seu throno,  
Bem raras vezes o mortal conduz!...  
Quando apparece de clarões cercada  
Surprehende a vista!... o coração seduz!

No capitolio de esplendor estranho  
É tudo c'roas e virentes palmas!  
Das suas flores o suave aroma  
Prende os sentidos! embriaga as almas!

Sombra ou miragem que se alonga e foge,  
Ou fumo, ou deusa, ou celestial visão,  
A gloria existe! tudo vem dizer-nos  
Não ser um sonho nem desejo vão!

Mas sempre occulta ficarás, ó gloria,  
A mim, que morro sem jamais te ver!  
Das muitas c'roas que teu throno adornam  
Ai! não me é dado uma só flor colher!

Fevereiro de 1870.

## ULTIMO CANTE

Alma! esforça-te um instante  
Quebra as algemas da dor,  
Dá-me um hymno agonisante  
No teu extremo fulgor!

C. CASTELLO BRANCO

Minha lyra, teus écos foram sempre  
Gemidos d'agonia!  
E ao deixar-te... meu Deus ainda tenho  
Saudades da poesia!

Na perora tu és, e encantadora,  
D'ama de nívea côr,  
Não me appareças mais! fuge depressa,  
Apaga o teu fulgor!

Não quero ver-te já! seduz teu brilho  
 Mas torna-me infeliz!  
 O teu sorriso encanta, mas eu choro  
 Enquanto me sorris!

Acabem pois os loucos devaneios  
 D'esta louca paixão!  
 Da terra me fugia, ao ceu voava  
 Meu pobre coração!

Aos astros ascendi em nuvens de ouro,  
 E d'este mundo alem,  
 Por escassos momentos fui ditosa  
 Como não foi alguém!

Foi-me a lyra thesciro e confidente!...  
 As cordas lhe feri  
 Unindo-a contra o peito; outra ventura  
 Maior jamais senti!

Dourados sonhos de mentida gloria,  
 Ó lindos sonhos meus!  
 Vou acordar! a realidade é triste...  
 Ai, para sempre adeus!



## INDICE

	PAG.
PROEMIO.....	1
Deus.....	1
Crepusculos.....	4
Evora.....	6
Lagrimas.....	8
A criança adormecida.....	10
Primavera.....	12
Solidão.....	14
O que eu amo.....	16
Estações da vida.....	18
Amor.....	20
O desterrado.....	22
Gósa.....	24
Manuela Rey.....	27
Saudades da infancia.....	30
Virtude.....	33
A mulher.....	35
Já não!.....	37
O naufragio.....	39
Dias sem sol.....	42
Sonho ou verdade?.....	44

	PÁG.
O engeitado .....	45
Desdita .....	48
Choras?! .....	50
Poesia e mulher .....	52
Suspiros .....	55
Lembra-te! .....	57
Camões .....	59
Adeus .....	61
Não queiras! .....	63
Esperança .....	65
Amisade .....	67
Anjo caído .....	69
Desalento .....	71
Não chores! .....	73
A coquette .....	75
Castilho .....	77
No album do sr. J. A. Rocha .....	79
Invocação .....	81
Dor íntima .....	84
Abril .....	86
Regressaste! .....	90
Ilusões perdidas .....	92
Izabel II. ....	94
A orphã .....	97
Caridade .....	99
Insomnia .....	101
Mal de amor .....	103
A minha estrella .....	106
Saudade .....	108
Um voto .....	110

	PAG.
Sol posto.....	112
Não, fujas!.....	115
O inverno.....	118
Anno bom.....	120
O regresso da primavera.....	122
Ignoto amor.....	125
Branca pomba.....	128
Bocage.....	130
A gloria.....	132
Ultimo canto.....	134



111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215  
216  
217  
218  
219  
220  
221  
222  
223  
224  
225  
226  
227  
228  
229  
230  
231  
232  
233  
234  
235  
236  
237  
238  
239  
240  
241  
242  
243  
244  
245  
246  
247  
248  
249  
250  
251  
252  
253  
254  
255  
256  
257  
258  
259  
260  
261  
262  
263  
264  
265  
266  
267  
268  
269  
270  
271  
272  
273  
274  
275  
276  
277  
278  
279  
280  
281  
282  
283  
284  
285  
286  
287  
288  
289  
290  
291  
292  
293  
294  
295  
296  
297  
298  
299  
300  
301  
302  
303  
304  
305  
306  
307  
308  
309  
310  
311  
312  
313  
314  
315  
316  
317  
318  
319  
320  
321  
322  
323  
324  
325  
326  
327  
328  
329  
330  
331  
332  
333  
334  
335  
336  
337  
338  
339  
340  
341  
342  
343  
344  
345  
346  
347  
348  
349  
350  
351  
352  
353  
354  
355  
356  
357  
358  
359  
360  
361  
362  
363  
364  
365  
366  
367  
368  
369  
370  
371  
372  
373  
374  
375  
376  
377  
378  
379  
380  
381  
382  
383  
384  
385  
386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440  
441  
442  
443  
444  
445  
446  
447  
448  
449  
450  
451  
452  
453  
454  
455  
456  
457  
458  
459  
460  
461  
462  
463  
464  
465  
466  
467  
468  
469  
470  
471  
472  
473  
474  
475  
476  
477  
478  
479  
480  
481  
482  
483  
484  
485  
486  
487  
488  
489  
490  
491  
492  
493  
494  
495  
496  
497  
498  
499  
500  
501  
502  
503  
504  
505  
506  
507  
508  
509  
510  
511  
512  
513  
514  
515  
516  
517  
518  
519  
520  
521  
522  
523  
524  
525  
526  
527  
528  
529  
530  
531  
532  
533  
534  
535  
536  
537  
538  
539  
540  
541  
542  
543  
544  
545  
546  
547  
548  
549  
550  
551  
552  
553  
554  
555  
556  
557  
558  
559  
560  
561  
562  
563  
564  
565  
566  
567  
568  
569  
570  
571  
572  
573  
574  
575  
576  
577  
578  
579  
580  
581  
582  
583  
584  
585  
586  
587  
588  
589  
590  
591  
592  
593  
594  
595  
596  
597  
598  
599  
600  
601  
602  
603  
604  
605  
606  
607  
608  
609  
610  
611  
612  
613  
614  
615  
616  
617  
618  
619  
620  
621  
622  
623  
624  
625  
626  
627  
628  
629  
630  
631  
632  
633  
634  
635  
636  
637  
638  
639  
640  
641  
642  
643  
644  
645  
646  
647  
648  
649  
650  
651  
652  
653  
654  
655  
656  
657  
658  
659  
660  
661  
662  
663  
664  
665  
666  
667  
668  
669  
670  
671  
672  
673  
674  
675  
676  
677  
678  
679  
680  
681  
682  
683  
684  
685  
686  
687  
688  
689  
690  
691  
692  
693  
694  
695  
696  
697  
698  
699  
700  
701  
702  
703  
704  
705  
706  
707  
708  
709  
710  
711  
712  
713  
714  
715  
716  
717  
718  
719  
720  
721  
722  
723  
724  
725  
726  
727  
728  
729  
730  
731  
732  
733  
734  
735  
736  
737  
738  
739  
740  
741  
742  
743  
744  
745  
746  
747  
748  
749  
750  
751  
752  
753  
754  
755  
756  
757  
758  
759  
760  
761  
762  
763  
764  
765  
766  
767  
768  
769  
770  
771  
772  
773  
774  
775  
776  
777  
778  
779  
780  
781  
782  
783  
784  
785  
786  
787  
788  
789  
790  
791  
792  
793  
794  
795  
796  
797  
798  
799  
800  
801  
802  
803  
804  
805  
806  
807  
808  
809  
810  
811  
812  
813  
814  
815  
816  
817  
818  
819  
820  
821  
822  
823  
824  
825  
826  
827  
828  
829  
830  
831  
832  
833  
834  
835  
836  
837  
838  
839  
840  
841  
842  
843  
844  
845  
846  
847  
848  
849  
850  
851  
852  
853  
854  
855  
856  
857  
858  
859  
860  
861  
862  
863  
864  
865  
866  
867  
868  
869  
870  
871  
872  
873  
874  
875  
876  
877  
878  
879  
880  
881  
882  
883  
884  
885  
886  
887  
888  
889  
890  
891  
892  
893  
894  
895  
896  
897  
898  
899  
900  
901  
902  
903  
904  
905  
906  
907  
908  
909  
910  
911  
912  
913  
914  
915  
916  
917  
918  
919  
920  
921  
922  
923  
924  
925  
926  
927  
928  
929  
930  
931  
932  
933  
934  
935  
936  
937  
938  
939  
940  
941  
942  
943  
944  
945  
946  
947  
948  
949  
950  
951  
952  
953  
954  
955  
956  
957  
958  
959  
960  
961  
962  
963  
964  
965  
966  
967  
968  
969  
970  
971  
972  
973  
974  
975  
976  
977  
978  
979  
980  
981  
982  
983  
984  
985  
986  
987  
988  
989  
990  
991  
992  
993  
994  
995  
996  
997  
998  
999  
1000



COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

DENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

N.º 2369

Data 15-9-81

Ass.



